

ROSENIR GONÇALVES CARNEIRO

82.09  
C289c  
Ex1  
C92569083

**CANUDOS: HISTÓRIA E MITO – UMA LEITURA DE OS SERTÕES DE  
EUCLIDES DA CUNHA**



Pontes e Lacerda  
2005

**ROSENIR GONÇALVES CARNEIRO**

**CANUDOS: HISTÓRIA E MITO – UMA LEITURA DE *OS SERTÕES* DE  
EUCLIDES DA CUNHA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
em Letras, apresentado ao Departamento de  
Letras (DL) da Universidade do Estado de  
Mato Grosso – Campus Universitário de  
Pontes e Lacerda, como requisito parcial para  
a obtenção do título de graduado em Letras.

Área de concentração: Estudos Literários

Orientadora: Renata Beatriz B. Rolon

**Pontes e Lacerda  
2005**

**Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:**

---

**Profª. Renata Beatriz Brandespin Rolon**  
**Orientadora**

---

**Profª. Ms. Isaac Newton Almeida Ramos**  
**Convidado**

---

**Profª. Vanderluce Moreira Machado Oliveira**  
**Indicada pelo Departamento**

**Pontes e Lacerda – MT, 19 de dezembro de 2005.**

**Dedico este TCC ao meu marido que a princípio se fez contrário na concretização deste, mas que por fim se demonstrou solidário e a Kalinca, Karen e Gabriel, verdadeiros motivos de minha existência.**

À Deus, por ter me dado oportunidade de ser melhor a  
cada dia. **Guia.**

A professora Renata Beatriz por me orientar, saber doar e  
compartilhar seus conhecimentos. **Admiração.**

Aos professores e funcionários do curso de Letras,  
pela partilha. **Reconhecimento.**

Aos que deixaram sua marca em minha vida neste tempo  
de encontro. **Revelações.**

*É fácil não ferir meu semelhante.  
Difícil é não ferir  
o que de mim é diferente.*

**Santiago Villela Marques**

## RESUMO

*Os Sertões* é um romance significativo no cenário de constituição e transformação do pensamento social do Brasil. A obra, baseada no conflito de Canudos, é um marco de denúncia, pertinência histórica e excelência literária que possibilita uma vasta reinterpretação. *Os Sertões* é epopéia, tragédia e poesia autêntica. Contém a liberdade de movimento que caracteriza o ensaio, sendo ainda história. É obra de arte que se valeu da Geografia, da Antropologia, da Sociologia para examinar os mais variados aspectos do território do Brasil. Euclides da Cunha retratou uma região do Brasil, no fim do século passado desprovida dos mais elementares recursos. O pretexto foi a Guerra de Canudos, em 1897, em pleno sertão baiano.

Com o propósito de analisar todas essas recorrências é que abordo, nesse trabalho, o espaço em Canudos e o personagem Antonio Conselheiro. Busco, pautada nos estudos e na recorrência do mitologismo na literatura, entender a trajetória de Antônio Conselheiro revivendo o percurso messiânico que o transformou em uma figura mítica.

Dessa forma o aspecto mítico na obra viabiliza-me retomar uma intertextualidade com texto bíblico, por este trazer em seu interior, incidentes que a literatura atual reaproxima em seus temas.

**Palavras- chave:** Euclides da Cunha, identidade, Canudos, Antonio Conselheiro, mito.

## SUMÁRIO

|                                                                                   |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------|----|
| APRESENTAÇÃO.....                                                                 | 09 |
| CAPÍTULO I.....                                                                   | 11 |
| DO ROMANTISMO AO PRÉ MODERNISMO: TEORIAS SOBRE A<br>CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE..... | 11 |
| 1.1 –EUCLIDES DA CUNHA E <i>OS SERTÕES</i> .....                                  | 14 |
| CAPÍTULO II.....                                                                  | 21 |
| A FIGURA MÍTICA DO PERSONAGEM ANTÔNIO CONSELHEIRO.....                            | 21 |
| CAPÍTULO III.....                                                                 | 29 |
| CANUDOS: ESPAÇO MÍTICO.....                                                       | 29 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                                         | 36 |
| REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....                                                     | 37 |

## APRESENTAÇÃO

A escolha da obra *Os Sertões*, como objeto de análise para este trabalho resulta, antes de tudo, da relevância que a mesma possui no contexto cultural brasileiro. Nessa perspectiva, tenho como objetivo dar visibilidade ao aspecto mítico da obra mencionada, abordando especificamente, a personagem de Antonio Conselheiro como também os fatores que o transformaram num líder religioso.

O interesse pelo tema surgiu durante as aulas da disciplina de Literatura Brasileira III. Após ter feito a escolha por analisar *Os Sertões*, procurei pelo livro na biblioteca. Para minha surpresa encontrei uma dedicatória escrita na contracapa de um exemplar do livro. Lá estava: *Os fortes lá chegaram, os fracos desistiram e os covardes nem sequer tentaram*. Estas palavras me despertaram, tive a certeza de que não foram escritas ao acaso. Elas representavam um convite instigante elaborado por quem já tinha a dimensão da composição poética e da importância histórica do livro, e realmente seria covardia não me aventurar.

Passado esse primeiro contato com a obra, selecionei alguns recortes que constitui o meu objeto de estudo. No início das análises, percebi que o personagem de Antonio Conselheiro possui grande representatividade na narrativa. A figura desse homem, que logo se tornará um líder religioso, vem acompanhado de forte simbologia.

Para a compreensão deste personagem busquei estudos que abordassem a crise instaurada na estrutura econômica e política do país, pois é a partir desses episódios que a figura libertária e messiânica de Antonio Conselheiro possui papel preponderante. Procurei também, para as análises, respaldo nas concepções filosóficas inspiradas no Positivismo de Augusto Comte e no Determinismo de Hipólito Taine.

Não obstante abordo, neste estudo, o espaço mítico de Canudos no qual se insere a personagem de Antonio Conselheiro. O aspecto mítico e o contexto sócio-histórico revelados no enredo, associam-se a outros elementos que compõem a narrativa. Por conta disso procuro identificar, na ficção, as marcas da história oficial e conseqüentemente analisar o processo de ressignificação da mesma.

Para a organização do estudo, além da apresentação inicial, o presente trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, apresento uma retrospectiva da Literatura no Brasil, do Romantismo ao pré-modernismo, abordando os principais acontecimentos sociais da época e as principais teorias sobre a construção de nossa identidade literária.

O mesmo capítulo ainda contempla alguns aspectos da vida e da obra de Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões*. No segundo capítulo realizo a análise do personagem de Antonio Conselheiro. Busco revelar os fatores que o transformaram num líder religioso. No terceiro capítulo abordo o espaço mítico de Canudos.

## **CAPÍTULO I - DO ROMANTISMO AO PRÉ-MODERNISMO: TEORIAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.**

O século XIX no Brasil foi marcado por inúmeras mudanças, as quais estiveram bastante ligadas às alterações políticas e sociais. Logo no primeiro decênio, com a transferência da corte de D. João VI para a colônia em 1808, a atividade intelectual ganhou um impulso significativo graças ao deslocamento da máquina administrativa da metrópole para a colônia transformando cultural e economicamente a vida da sociedade. Nesse período ocorre a implantação da imprensa e do ensino universitário. O subsequente processo de independência, em 1822, ativou ainda mais a efervescência intelectual e nacionalista já instalada. Na literatura, particularmente, foi relevante o impacto desse acontecimento:

A vinda da família real deslocou definitivamente o eixo da vida administrativa da Colônia para o Rio de Janeiro, mudando também a fisionomia da cidade. Entre outros aspectos, esboçou-se aí uma vida cultural. O acesso aos livros e a uma relativa circulação de idéias foram marcas distintivas do período, (...), para atender aos requisitos da corte e de uma população urbana em rápida expansão. (FAUSTO, 1995, pp. 125/126)

A independência política possibilitou que aflorasse o sentimento patriótico e nacionalista dos brasileiros, sentimento este que se manifestou nos âmbitos político, social e, também, cultural. O intuito de contribuir para a efetiva configuração de uma nação independente e de fazê-la caminhar para o progresso como as demais nações, povoou o pensamento dos brasileiros em geral, principalmente dos intelectuais da época. Nesse contexto, a literatura ganhou a conotação de elemento que poderia colaborar para o progresso da nação e, também, para a consolidação da independência ideológica e a divulgação de uma imagem civilizada e progressista do Brasil.

O romantismo brasileiro teve na literatura sua máxima expressão e assumiu um caráter de verdadeira revolução, acentuado pelas circunstâncias sociais e políticas peculiares às primeiras décadas do novo império. Integrou-se também ativamente à agitação ideológica que precedeu a abolição da escravidão e a proclamação da república. Apesar das fortes influências francesas, inglesas e alemãs, o romantismo literário assumiu no país características próprias: (1) adaptação dos modelos europeus ao ambiente nacional; (2) introdução de motivos e temas locais, sobretudo indígenas, para a literatura que devia expressar a nacionalidade; (3) reivindicação do direito a uma linguagem brasileira; (4) inclusão obrigatória da paisagem física e social do país, com o enquadramento do regionalismo na literatura; (5) ruptura com os gêneros neoclássicos e criação de uma literatura autônoma. (TINHORÃO, 1994:18-19)

A estética e a cosmovisão do romantismo europeu se revestem no Brasil de cor local, com nítida tendência indianista e sertaneja. O que se teve foi uma tentativa de exprimir as peculiaridades da natureza, história, costumes e língua dos brasileiros. Procurou-se o ideal da pureza amorosa contraposta às convenções sociais; o sentimento da natureza como um refúgio e o gosto pelas paisagens exóticas, além da valorização do passado e do individualismo.

Diante deste contexto o romantismo aparecia como o caminho favorável à expressão própria da nação recém-fundada, pois fornecia concepções que permitiam afirmar a universalidade, mas também o particularismo, e, portanto a identidade, em contraste com a metrópole, mais associada nesse contexto à tradição clássica.

O primeiro grande romântico brasileiro é Antônio Gonçalves Dias. Na prosa, Joaquim Manuel de Macedo formula as bases para o romance de costumes nacional. Neste romance há sentimentos inflamados, situações complexas, realismo da ambientação, bom humor e hábil uso da linguagem coloquial.

Por volta de 1850 começa uma fase de transição, Álvares de Azevedo, com *Noites na taverna* (1853), demonstra estar influenciado pela mistura de misticismo e satanismo, sentimentalismo e sátira, além do gosto pelo sombrio e o macabro, típicos da poesia do inglês Lord Byron. Casimiro de Abreu tem um lirismo mais sentimental e a musicalidade do verso de Nicolau Fagundes Varela prenuncia o simbolismo.

A poesia social comprometida com questões políticas é praticada por Antônio Castro Alves. Poeta retórico nas *Espumas flutuantes* (1870) revela sua inspiração abolicionista, mas que também possui um rigor formal em sua lírica sensual, que anuncia o

parnasianismo. Também o anti-sentimentalismo, o estilo seco e irônico de Manuel Antônio de Almeida em *Memórias de um sargento de milícias* (1854), faz um rico retrato do Rio de Janeiro da sua época.

O maior prosador dessa fase é José de Alencar enquanto que Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura* (1875), e Alfredo de Taunay, *Inocência* (1872), orientam-se para o regionalismo.

As manifestações do período conhecido como pré-modernismo, que correspondem a uma fase de prosperidade econômica e de consolidação da República, foram marcadas por revoltas, intervenções militares e inúmeras greves operárias. Nesse clima, Minas Gerais e São Paulo iam repartindo o poder, desfavorecendo as camadas empobrecidas da classe média e as classes trabalhadoras urbanas e rurais.

O pré-modernismo, embora não tenha se constituído como um movimento literário específico deixou sua marca que designou toda uma vasta produção literária caracterizando desta forma, os primeiros vinte anos deste século. Durante a época em que se desenvolveu como em qualquer período de transição de um movimento literário para outro, ocorreram várias tendências literárias que se entrecruzaram. De um lado havia o Realismo-Naturalismo-Parnasianismo que começava a agonizar, de outro, uma lenta afirmação do Simbolismo e o surgimento do pré-modernismo.

Devido à existência dessas correntes literárias, que somente foram neutralizadas com o Modernismo, a literatura dos primeiros anos do século XX apresentou dois tipos de nacionalismo: um conservador e outro renovador. O nacionalismo de cunho conservador ou ufanista enaltecia a pátria sem fazer nenhuma espécie de crítica, por conta disso conquistou muito prestígio entre as camadas sociais detentoras do poder. O segundo tipo de nacionalismo considerado renovador, olha para o Brasil com olhos extremamente críticos e denuncia a realidade, ou seja, nega a inexistência de problemas, enaltecido pelos Românticos e Neoparnasianos. Esse tipo de literatura rompeu com passado acadêmico e valorizou o homem e a paisagem regional. Desta forma, tipos humanos como o caipira, o sertanejo, os mulatos etc. e as paisagens como o subúrbio, o nordeste e o interior paulista, que até então eram marginalizados pela literatura, passam a ser reconhecidos.

Os principais representantes desse período são Monteiro Lobato, Graça Aranha, Lima Barreto, Augusto dos Anjos e Euclides da Cunha. A literatura desses escritores não

era feita para adormecer os leitores e sim para despertá-los para a reflexão de problemas que atingiam profundamente a sociedade brasileira.

Nesse período de propostas inovadoras *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, se apresenta como uma obra significativa para uma nova interpretação da realidade brasileira que até então não havia sido retratada em nossa literatura: o sertão, ou seja, uma cultura totalmente diferenciada da metrópole.

Euclides da Cunha ao descrever o sertão nordestino, denuncia um interior desconhecido transformando o espanto da descoberta das mazelas das regiões agrestes num grito de alerta à consciência nacional. Através dessa denuncia ele rompe e nega, ao mesmo tempo, a idéia de um Brasil literário herdado do Romantismo e do Parnasianismo em que os heróis eram idealizados.

Dessa forma *Os Sertões* pode ser entendido como verdadeiro fenômeno cultural inserido no cenário de constituição e transformação do pensamento social sobre o Brasil. O autor ao se preocupar em repensar o país dentro de um momento histórico complexo, no lento processo de formação de uma sociedade que fosse capaz de integrar os diversos grupos humanos litoral/sertão, busca os elementos necessários para a definição da identidade nacional.

### 1.1-Euclides da Cunha e *Os Sertões*

O engenheiro, escritor e ensaísta brasileiro Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em Cantagalo/RJ em 20 de janeiro de 1866. Frequentou conceituados colégios fluminenses e, quando precisou prosseguir seus estudos, ingressou na Escola Politécnica e, um ano depois, na Escola Militar da Praia Vermelha.

Tendo sido contagiado pelo ardor republicano dos cadetes e de Benjamin Constant, professor da Escola Militar, atirou durante revista às tropas sua arma aos pés do Ministro da Guerra Tomás Coelho. Na ocasião, supostamente bradou as seguintes palavras: "Senhores!

É odioso que se pretenda obrigar uma mocidade republicana e livre a prestar reverência a um laiaio da monarquia!”<sup>1</sup>.

Euclides foi submetido ao Conselho de Disciplina e, em 1888, expulso do Exército participou ativamente da propaganda republicana no jornal *O Estado de S. Paulo*. Proclamada a República, foi reintegrado ao Exército com promoção. Ingressou na Escola Superior de Guerra e conseguiu ser tenente e bacharel em Matemáticas, Ciências Físicas e Naturais.

No ano de 1890 casou-se com Anna Emília Ribeiro, filha do major Sólon Ribeiro, um dos líderes da República. Em 1891, deixou a Escola de Guerra e foi designado coadjuvante de ensino na Escola Militar. Quando surgiu a insurreição de Canudos, em 1897, Euclides escreveu dois artigos pioneiros sobre o conflito intitulados “A nossa Vendéia”. Esse trabalho resultou num convite do jornal *O Estado de S. Paulo* para presenciar o final do conflito.

O escritor não ficou até a derrubada de Canudos, mas conseguiu, durante cinco anos, reunir material suficiente para escrever *Os Sertões*. A elaboração do romance possibilitou ao autor grande notoriedade e vaga na Academia Brasileira de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Um dos problemas mais comuns ao se tentar caracterizar o romance *Os Sertões* é quando se tenta definir qual o gênero que o livro se enquadra. Muitos estudiosos, como Walnice Nogueira Galvão (1985), trazem que esta seria uma obra histórica, antropológica, jornalística e também de crítica cultural.

Dessa forma, percebo que *Os Sertões* é uma obra polifônica, ou seja, vários gêneros dialogam como o jornalismo, a poesia e a narrativa ficcional. Observo também que múltiplas vozes se confrontam como a da cultura sertaneja e urbana, das filosofias do século XIX, dos militares e políticos, da igreja, etc. Do texto cito:

O gaúcho do sul, ao encontra-lo nesse instante, sobreolhá-lo-ia comiserado  
O vaqueiro do norte é a sua antítese. Na postura, no gesto, na palavra, na índole  
e nos hábitos não há equipará-los. [...] A luta pela vida não lhe assume o caráter  
selvagem da do sertão do norte. Não conhece os horrores da seca e os combates  
cruentos com a terra árida e exsiccada.

<sup>1</sup> Segundo Regina Abreu (1998, p 76), há várias versões para essa atitude de Euclides. Há boatos que isso se deu por conta dele não ter sido promovido alferes-aluno, outros já trazem que tal gesto deu-se mediante a sua adesão ao republicanismo.

As suas vestes são um traje de festa, ante a vestimenta rústica do vaqueiro. [...] O gaúcho andrajoso sobre um pingo bem aperado, está decente, está corretíssimo. Pode atravessar sem vexame os vilarejos em festa.

O vaqueiro, porém, criou-se em condições opostas, em uma intermitência, raro perturbada, de horas felizes e horas cruéis, de abundância e misérias - tendo sobre a cabeça, como ameaça perene, o sol, arrastando de envolta no volver das estações, períodos sucessivos de devastações e desgraças.

O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura [...], de couro de bode ou de vaqueta [...] é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo.

(CUNHA, 2002:78-9)

Por conta desses recursos é que considero o livro de Euclides da Cunha como uma obra que habita o terreno da história e da ficção.

Entendo que nesta há fatos retirados da história oficial do Brasil como também é perceptível o trabalho textual do autor que aproxima a obra do gênero narrativo. Para uma melhor compreensão desses fatos, abordo o texto *Poética* de Aristóteles. O referido teórico estabelece a relação de diferença entre Ficção/História. Ele considera uma diferenciação e delimitação entre os níveis de composição da escrita poética e da escrita historiográfica com base na especificação dos elementos intrínsecos a cada um dos gêneros. A distinção usual entre Literatura e História, com base nas convenções de ficcionalidade e veracidade fundamenta-se na definição aristotélica de que a Poesia é imitação das ações humanas e a História é a narração dos eventos realmente ocorridos. Segundo Aristóteles:

Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser histórias, se fossem em verso o que eram em prosa), - diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que de nomes aos seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibiades ou o que lhe aconteceu. (ARISTOTELES, 1987:35-36)

A partir dessas considerações, entendo que a narrativa de *Os Sertões* está na linha estreita entre o ficcional e a realidade, mas, mesmo diante deste quadro tênue emerge o

trabalho da escrita literária de Euclides da Cunha. O fator considerado está na importância de que os aspectos temáticos e históricos estão conjugados com recursos estilísticos que remetem a uma consciência de linguagem da parte do autor. Cito:

Rentes ao chão rebatidos nas dobras do terreno entaliscados nas cristas – esparsos, imóveis, expectantes – dedos presos aos gatilhos dos clavitones, os sertanejos quedavam, em silêncio, tenteando as pontarias, olhos fitos nas colunas ainda distantes, embaixo, marchando após os exploradores que esquadrihavam cautelosamente as cercanias. (Cunha, 2002: 185)

A literatura de Euclides nasce frente a uma realidade histórica, entretanto, compreendo que há nela aspectos suficientes para distingui-la entre as formas consideradas literárias. A narrativa de *Os sertões* retrata um verdadeiro painel do nordeste brasileiro e denuncia as condições de vida das “sub-raças sertanejas do Brasil”.

A obra é dividida em três partes: “A terra”, “O homem” e “A luta”. Essa divisão demonstra a preocupação do autor em narrar os fatos de forma científica, procedimento esse comum a toda geração, a “geração de 1870”, que aderiu em massa ao empirismo e repudiou o espiritualismo da fase romântica. Esse procedimento era emprestado do “darwinismo social” (gerado pela publicação do livro *A origem das espécies*, de Charles Darwin em 1859) e propagava a tese de superioridade de raça como também o conceito de raça ultrapassando o campo da biologia. Isso estendeu-se à cultura e à política desvirtuando ou adaptando as teorias darwinistas no que fosse mais problemático para a construção de um argumento racial no país.

Ao dividir a obra em três partes, Euclides aderiu à visão do historiador francês Hyppolite Taine que formulou, na *Histoire de la littérature anglaise* (1863), a concepção naturalista da história, determinada a partir de três fatores: o meio, com o ambiente físico e geográfico; a raça, responsável pelas disposições inatas e hereditárias; e o momento, resultante das duas primeiras causas (Taine, 1905:xxxix, v. 1).

No capítulo “A terra” o autor retratou a geologia brasileira e o meio físico do sertão baiano, com o clima do semi-árido e a vegetação da caatinga. No “O homem”, discutiu a formação racial do sertanejo e os males da mestiçagem. Observo que está e a parte do livro mais paradoxal, pois é marcada por contradições quando se propõe relatar que seria um estudo das bases antropológicas do homem brasileiro. O autor orientado pelas teorias

raciais do século XIX acaba compondo um quadro de fundo preconceituoso acerca do sertanejo. A mistura de negros, portugueses e índios, caso particular de nossa formação étnica, seria a causa do fato de estarmos condenados a não ter a unidade racial. Para Euclides (2002:73) *a mestiçagem estremada é um retrocesso*.

O sertanejo como uma sub-raça, produto de múltiplos cruzamentos representaria involução biológica, negação do progresso incapaz de absorver as grandes transformações civilizatórias. Euclides só considera o sertanejo um forte porque este consegue adaptar-se a um meio difícil e inóspito, e também pelo fato do sertanejo não ter recebido os impactos da civilização que levaram a decadência física e moral do mestiço costeiro. A antítese acerca do homem sertanejo é retratada através do personagem de Antonio Conselheiro, o qual será objeto de análise do segundo capítulo. Em “A luta”, narrou a guerra de Canudos como confluência dos fatores naturais, étnicos e históricos.

A vertente cientificista buscava encontrar as leis que organizavam a sociedade brasileira e que determinava a formação do gênio, do espírito e do caráter do povo. Ao lado da influência de Comte, o evolucionismo de Darwin e de Spencer Euclides dispôs a aceitar, com excessiva confiança, as leis sobre os caracteres morais das raças que tanto acabariam pesando na elaboração de *Os sertões*.

O autor criou, através de sua narrativa, uma imagem de Canudos como uma cidade dominada por fanatismos e superstições. Construiu um modelo interpretativo para dar conta das relações e dos conflitos entre a sua própria cultura, vista como letrada e urbana, e a cultura oral sertaneja, marcada por mitos messiânicos e pela tradição católica. É importante lembrar que a voz do autor se impõe reduzindo o outro ao silêncio. Na verdade as marcas presentes no tecido narrativo de *Os Sertões* revelam a submissão ao discurso científico homôgeno, cujas marcas estão presentes no tecido narrativo.

O discurso ideológico que compõe a narrativa do romance se inviabiliza por seus próprios postulados de conceber, sem interferências de ordem de valor subjetivo, a análise da vítima - os sertanejos. Estes se constituíam como o grupo místico e monarquista de Canudos, pois segundo as linhas do pensamento do Positivismo de Augusto Comte, e conforme se nos delineia em *Os Sertões*, encontram-se na primeira etapa do desenvolvimento do espírito humano *na qual os homens explicam a realidade através das ações divinas* (Cunha, 2002:11). Já os republicanos, representados na obra pelos militares,

mantenedores do sistema dominante, defensores dos que constituíam a última etapa do progresso humano, explicam a realidade através da ciência. De acordo com Regina Abreu (1998):

Os republicanos convertidos a correntes científicas que consideravam verdades supremas, alguns chegavam mesmo a professar a ciência como religião. O exemplo mais contundente foi a Igreja Positivista no Brasil. (ABREU, 1998:62)

Euclides foi além da narração da guerra, ao construir uma teoria do Brasil, cuja história seria movida pelo choque entre etnias e culturas. Ele recorreu à teoria do sociólogo austríaco Ludwig Gumplowicz (1838-1909), que considerava a história guiada pela luta entre raças, com o esmagamento inevitável dos grupos fracos pelos fortes. Alarmado com o avanço da cultura estrangeira, lançou seu brado de alerta em *Os sertões: Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos* (Cunha, 2002:145).

Renato Ortiz (2003) observa que não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos. A partir dessa observação, compreendo que o conflito entre Canudos e a República resultou, para Euclides, do choque entre dois processos de mestiçagem: a litorânea e a sertaneja. O mestiço do sertão apresentaria vantagem sobre o mulato do litoral, devido ao isolamento histórico e à ausência de componentes africanos, o que tornaria mais estável sua evolução racial e cultural: *O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.* (Cunha, 2002:77). De certa forma, o que o autor faz é retomar o projeto alencariano de explicar o Brasil e sua caminhada em busca de identidade. Por conta disso, ressalto que ele comete equívocos em relação à conceituação de raça, equívocos esses em sua maioria devido à influência de seu mestre, o antropólogo, Nina Rodrigues.

Mesmo não superando os limites da época e da ciência em que viveu Euclides conseguiu deixar, através de suas descrições, o resgate do mestiço apresentando o interior a um litoral que historicamente sempre o recusava, forçando-o a assumi-lo. Dessa forma estabelece sutilmente as divergências etnológicas do Brasil.

Já se passaram cem anos e *Os Sertões* continua sendo uma referência sagrada, um monumento e um símbolo nacional. Em 1994 a obra é consagrada como a mais

representativa da cultura brasileira de todas as épocas. Para Abreu (1998) a consagração ocorreu devido a realização de uma enquête em que os participantes foram os antropólogos Roberto da Mata e Darcy Ribeiro, o economista Celso Furtado, os escritores João Ubaldo Ribeiro e Josué Motello, os poetas Jose Paulo Paes e Ferreira Gullar, os críticos literários Alfredo Bosi, Fabio Lucas e Wilson Martins entre outros, elegendo-o como “o livro número um” do Brasil.

Entre outros aspectos, a permanência, a atualidade e modernidade de *Os Sertões* devem-se a veemência de sua denúncia, a pertinência histórica e a excelência literária, fatores estes que o sustenta como um marco fundamental da cultura brasileira, obra de múltiplas leituras, entre elas uma reinterpretação do Brasil interiorano.

## **CAPÍTULO II - A FIGURA MÍTICA DO PERSONAGEM ANTONIO CONSELHEIRO**

Na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha analiso a personagem de Antonio Conselheiro, a qual tem um papel preponderante dentro da narrativa. Este personagem é o representante dos tipos regionais brasileiros, frutos da miscigenação entre o branco, o índio e o negro, que deram origem ao sertanejo e ao jagunço. Ele é considerado um produto “fabricado” pelo meio em que viveu: árido, seco, rústico, perigoso, cheio de misticismo e superstições.

Conselheiro diferenciava-se dos padres sertanejos, que em boa parte pregavam uma coisa e faziam outra, muitos deles com família constituída e bens pessoais. Sua aparência física assemelhava-se aos profetas bíblicos, com uma vasta cabeleira que lhe caía pelos ombros, vestido com um brim comprido que lhe chegava aos pés e um cajado nas mãos:

Em suas andanças, não aceitava esmola mais do que o suficiente para aquele momento: comia pouco, fazia jejuns e não aceitava leite, sempre dormia numa tábua dura. Percorreu o Sul do Ceará, a Bahia, Pernambuco e Sergipe, sendo solicitado a dar conselhos e acompanhado por pessoas, as quais não convidava a acompanhá-lo (Cunha, 2002: ).

A confiança que os sertanejos da região de Canudos depositavam em Conselheiro foi conquistada pelos 20 anos de peregrinação, através do contato direto com realidade do povo que também assistia de perto os sacrifícios que o evangelizador realizava, revivendo a história e o drama de Jesus a fim de obter uma evolução espiritual:

Vinha tirocinio brutal da fome, da sede, das fadigas, das angústias recalçadas e das misérias fundas...A epiderme seca rugava lhe como uma couroça amolgada e

rota sobre a carne morta. Anestesiava-a com a própria dor,... Abeirava muitas vezes a morte nos jejuns prolongados. (CUNHA, 2002:105).

Como se pode notar as práticas dos jejuns de Conselheiro é simbolicamente uma manifestação de seu caráter religioso uma vez que buscava como referência o próprio Cristo. A caracterização do comportamento do Conselheiro me remete a passagem bíblica do novo testamento. Neste consta que Cristo ficou 40 dias no deserto em jejum. Sobre esta passagem Campbell (1992) no capítulo intitulado “A saga do herói” analisa a proeza heróica que há na figura de Cristo. Campbell relata a passagem em que o Diabo chega até Cristo e diz que ele parece estar faminto e o induz a transformar as pedras em pão. Em resposta Cristo diz: *não só do pão vivera o homem mas de toda a palavra que sai da boca de Deus*. Nesse sentido entendo que para o Conselheiro os sacrifícios que ele se impunha serviam para mortificar sua matéria e refrear as paixões da carne.

Na configuração desse personagem é marcante a presença do mito messiânico. O comportamento mítico de Conselheiro, revivendo a trajetória do próprio Cristo, despertou nos sertanejos a possibilidade de mudar o rumo da sua história de vida.

Mircea Eliade (1972), afirma que o mito é uma realidade cultural complexa, que permite ser abordada e interpretada mediante múltiplas e complementares perspectivas. Essas muitas possibilidades criam uma dificuldade na interpretação do mito. Neste estudo parto do pressuposto de que os mitos são tessituras textuais que se renovam e que encontram nas narrativas literárias lugar ideal para se desenvolverem. Eliade (1998), em outro estudo, observa que:

A figura messiânica é identificada com o Herói cultural ou o Anustral mítico cujo retorno era aguardado. Sua vinda equivale a uma reatualização dos tempos místicos da origem, e, portanto, a uma recriação do Mundo. (ELIADE, 1998: 67).

Nesse momento percebo que Conselheiro não tinha consciência da figura heróica que ele representava. Tem-se a princípio um personagem humano com atitudes que contradizem o herói dotado de poderes sobrenaturais. Ele é simplesmente portador dos sonhos dos sertanejos que almejavam encontrar a terra prometida.

Euclides não acreditava que um homem inteligente, mas sem “cultura” pudesse exercer tamanha autonomia sobre seus seguidores e incomodar uma classe composta pelos grandes latifundiários, políticos e pelo clero, que há muito usufruía das condições miseráveis que aquele povo se encontrava. Na narrativa consta que: [...] o fazendeiro dos sertões vive no litoral, longe dos dilatados domínios que nunca viu, às vezes. *Herdaram velho vício histórico. Como os opulentos sesmeiros da colônia, usufruem parasitariamente, as rendas das suas terras, sem divisas fixas. Os vaqueiros são lhes servos submissos.* (CUNHA: 81).

A Igreja tentou neutralizar a popularidade de Conselheiro, negando-lhe o próprio templo para pregar e recusando os benefícios que o mesmo e seus seguidores costumavam prestar como os pequenos consertos e reformas entre outros: *Irmãos, não tendes ordens; a Igreja não permite que pregueis. - Deixam-me, então, fazer a via-sacra. - Também não posso, vou eu fazê-la, contraveio, mas uma vez o sacerdote.* (CUNHA: 112).

Conselheiro começou a incomodar ainda mais as autoridades, quando, além de fazer suas pregações, passou a opor-se as imposições da República. Ele assumiu, a partir de 1893, uma feição combatente inteiramente nova. Esta feição caracterizou o episódio em que reuniu o povo em um dia de feira e mandou queimar as tábuas de cobrança de impostos afixadas pela Câmara de Bom Conselho, na Bahia. Esta atitude o levou a fugir com seus seguidores, perseguidos pela polícia.

Após liderar rebelião contra a cobrança de impostos, fixou-se com seus seguidores, na região de Canudos, às margens do rio Vaza-Barris, no nordeste da Bahia. Sobrevivia no limite da miséria, pregando a salvação por meio das boas ações, chamando a todos de irmãos, assumindo a partir daí o papel do homem-síntese de uma realidade social e religiosa e conseguindo, através das suas práticas religiosas, proclamar multidões e despertar a fúria do governo e da igreja.

Observo que a República não investia e não oferecia nenhum benefício a aquela população “retrógrada” para lhe exigir pagamento de impostos. Foram fatores como estes, que uniram ainda mais seguidores ao Conselheiro e fortaleceram o seu catolicismo “mal compreendido”, que não poderia ser diferente uma vez que o meio que viviam nunca possibilitou outras oportunidades.

Conselheiro representava um herói, esperança de uma nova aurora, elementos típicos de um herói nacional. Na concepção de Eliade (1998) o herói geralmente é representado através da figura de um jovem de origem humilde que torna-se o redentor de seu povo, livrando-o de monstro, salvando-o da fome e de outras calamidades e realizando outras façanhas nobres e salutares.

Nessa perspectiva reforço as palavras de Eliade fazendo uma comparação com Eleutério, personagem do romance *Matrinchã do Teles Pires*, de Luiz Renato de Souza Pinto, publicado em 1998. O personagem em questão, revivi a trajetória do lendário João Maria, um monge de origem italiana que participou do conflito social chamado de “A guerra do contestado”. Na região do conflito o monge fez curas, pregações e aglomerou multidões em torno de seus preceitos. Este possuía a mesma marca heróica do Conselheiro. Santos (2005) observa que:

O herói tem como inimigo não apenas um adversário: precisa superar os obstáculos que a natureza impõe, a resistência do poder religioso e político por não aceitar a magia que ele desperta sobre a minoria que o busca na comunidade como representante (SANTOS, 2005: 28).

Entendo que a consequência de Conselheiro se tornar um herói é fruto das suas ações religiosas que vem de encontro com o desejo dos sertanejos em alcançar um lugar cósmico. Ao longo da narrativa o autor coloca que Conselheiro cresceu tanto que se projetou na História.

O personagem, na construção de Canudos, organizou o sistema de produção, implantando em seu reduto uma distribuição igualitária de bens em que todos os fiéis trabalhavam em coletividade para o bem geral, nas construções de casas, igreja e distribuição de comida. Além disso, Conselheiro, continuava a sua missão na qual misturava a doutrina cristã à religiosidade popular. Proclama o início de uma nova era e convoca os fiéis a defender a monarquia. Endurece suas críticas à república e à Igreja Católica, recusa o pagamento de impostos e rejeita o casamento civil e em pouco tempo formou uma espécie de pequeno estado dentro do Estado.

A idéia que Conselheiro defendia – a Monarquia como o reino de Deus, em oposição à República, que representava um governo ilegítimo – vem ao encontro da

insatisfação geral com as reais condições de vida, àqueles que foram impostas mais restrições com a mudança de regime. O governo dos homens fazia leis injustas (Conselheiro queima as tábuas de cobrança de impostos afixadas na Câmara de Bom Conselho), era arbitrário e contrário à justiça de Deus; por isto, no seu entendimento, deveria ser combatido.

Pregava que os fiéis teriam de se abster de qualquer vaidade e bens materiais. Eles deveriam fazer de suas vidas um purgatório duro, pois o acúmulo de fortunas seria inviável para chegar ao dia do Juízo Final, que se aproximava inflexível, profetizando o Apocalipse.

A população de Canudos, entretanto aferrava-se a crença de salvação e ao carisma de seu líder já denominado por eles por Bom Jesus e que através das orações, jejuns e as penitências seria possível à redenção. O resto do mundo estava contaminado pelo universo profano que a República simbolizava.

Segundo Bosi (2002) o homem sertanejo aspirava um futuro melhor que há de vir mediante ajuda sobrenatural, desta forma a figura mística de Antonio Conselheiro era a única esperança que poderia alimentá-los: *O Conselheiro é o homem da Providência e como tal, preenche uma função na economia espiritual do sertão.* (idem, p.212).

Isso na visão Euclides da Cunha calcado numa psicologia positivista de circunstância, expõe sua recusa à questão da religiosidade popular, ao mesmo tempo em que busca explicar o fenômeno Antônio Conselheiro como movido pelo desequilíbrio.

O próprio autor de *Os Sertões* sintetiza sua avaliação sobre Antônio Conselheiro: *É um grande homem às avessas.* (BOSI, 2002:113). Não cabia em seu modelo positivista de grande homem a figura esquelética, de roupas rasgadas e sandálias rústicas. Faltava ao Conselheiro o cavalo branco, a espada e as roupas grandiosas, específicas de um herói ou ainda o grande intelecto que o constituiriam verdadeiramente, na visão urbana do escritor, “um grande homem”. Talvez tenha faltado ao autor a percepção das representações que faziam de Conselheiro o símbolo e o signo de vinte e cinco mil pessoas oferecendo-lhe a vida de lutas e pobreza. Ele é o grande homem enquanto substrato, representação e esperança de milhares de homens que o viam como o melhor e mais santo entre eles. São duas concepções dispares de “grande homem”, representações de mundo que se cruzavam na luta contra e a favor das desigualdades sociais entre pessoas da mesma língua, com linguagens diferentes na percepção do que é vida, do que é grandeza.

É pertinente ressaltar que Conselheiro também conhecia e fez parte da sociedade idealizada pelos positivistas. Euclides enfoca que este era um homem de caráter que não se deixava abater, herança herdada de sua genealogia cujo estilo de vida era corretíssimo e calmo. Mesmo com um casamento desestruturado e com dificuldades financeiras ele procurava um meio qualquer honesto de subsistência, portanto era um homem que se enquadrava aos padrões vigentes pré-estabelecidos pela sociedade litorânea, motivo o qual não justifica ser chamado de “insânio”.

Compreendo que a narrativa de Cunha é muito ambígua, pois, ao mesmo tempo que coloca Conselheiro como uma figura “insania”, de escrita rude, o relata também como um homem de caráter e comportamento perfeitamente normal e afirma que mesmo nos períodos de turbulência emocional Antonio Conselheiro demonstrava espírito de liderança.

Este período de vida mostra-o, todavia, aparelhado de sentimentos dignos. Ali estavam, em torno, permanentes lutas partidárias abrindo-lhe carreira aventureira, em que poderia entrar como tantos outros, ligando-se aos condutícios de qualquer conquistador de urnas, para o tinha prestígio tradicional da família. Evitou-as sempre. (CUNHA: 102)

Em algumas passagens da obra percebo um tipo de comportamento “idealizado” da personagem onde lhe é dado uma identidade com nome e sobrenome: Antonio Maciel. Quando ele apresenta um comportamento que vai ao encontro das elites copiadora de moldes estrangeiros, ele possui nome representativo, mas nos momentos em que age de acordo com os princípios religiosos o termo “conselheiro” passa a nomeá-lo. Essa é uma situação típica das camadas populares que classificam a pessoa através das atividades que este desenvolve.

Não obstante, segundo Euclides da Cunha, o fato de Conselheiro mudar bruscamente seu estilo de vida provém do sofrimento causado pela infidelidade de sua esposa. Tal acontecimento o fez procurar o recesso do sertão, um ambiente propício para retroceder dois mil anos, fazendo da religião uma opção de vida.

Ainda observando o comportamento desse personagem ressalto o paradoxo que sua atitude em relação às mulheres representa. Após o sofrimento vivido no âmbito pessoal ele se torna contrário ao casamento civil, fugindo assim dos princípios cristãos. Conselheiro se

revela favorável ao amor livre, além disso, se mostra totalmente repressor dos recursos estéticos que as mulheres utilizavam para realçar sua beleza. Ele chega ao extremo de puni-las com dilaceradores pentes de espinho para que estas se arrependessem de suas vaidades.

Para o evangelizador *A beleza era a face tentadora de Satã... Nunca mais olhou para uma mulher, falava de costas, mesmo às beatas velhas [...]* (O S: 108). Mesmo nos momentos críticos e finais da guerra em que as mulheres aos gritos e soluços se agrupavam rezando a porta do Santuário implorando a presença do evangelizador ele evita fitá-las demonstrando um caráter imutável.

Ataliba Nogueira (1978) defende que os ideais de Antonio Conselheiro eram puramente de cunho religioso e não político como supunha a República. Tal afirmação dá-se pelo fato de Nogueira ter tido acesso a documentos originais escritos pelo próprio Conselheiro e que Euclides da Cunha não teve acesso.

Na perspectiva de Nogueira (1978:37) o personagem nunca foi um religioso fanático: *é humilde, penitente, operoso e piedoso é apenas homem de fé, toma entretanto todo o tempo do discurso com instituição sobre a casa de Deus*. Entretanto na perspectiva de Cunha o fanatismo não tinha mais limites, ele afirma que adoravam-no, como se fosse um Deus vivo.

Entendo que se havia algum fanatismo era por parte dos seus seguidores e não por parte do Conselheiro, pois é comum esse tipo de comportamento por parte dos fieis em relação ao seu ídolo.

Todo chefe suscita sempre em todas as épocas, em todos os lugares fanatismo em torno de sua pessoa, tal fanatismo, porém não é religioso. Para Nogueira (1978:42) *os manuscritos de Conselheiro revelam estofo moral e intelectual a fim de separarem as afirmações errôneas das verdadeiras*. Além disso, ele afirma que se Euclides tivesse oportunidade reescreveria sua obra para fazer justiça àquele que biografou

O comportamento de Conselheiro é que faz dele uma figura mítica por isso se projeta na História como um herói: *Um grande personagem nunca é patrimônio exclusivo de uma nação. Assim que ele alcança um nível artístico, passa a fazer parte do progresso de toda humanidade*. (KOTHE, 1998:55).

Assim o sacrifício do Conselheiro harmoniza a ação individual e coletiva, o que representa uma ambígua derrota-vitória, mesmo sem ter atribuído a ele um ato de bravura.

Freitas (*apud* SANTOS, 2005:82) revela que: *Essa é a possibilidade de superar a miséria da condição humana através de valores transcendentais, é nisso em que consiste a supra-realidade da arte, que faz concorrência a da vida.*

Dessa forma entendo que a história de Conselheiro é a mesma de homens reais, é o passado e o presente que se fundem para materializarem-se em ficção, assim o mito se refaz e torna-se permanente.

### CAPÍTULO III - CANUDOS: ESPAÇO MÍTICO

A primeira parte de *Os Sertões* faz um minucioso estudo das condições geofísicas do sertão brasileiro. Ao descrever o meio sertanejo, Euclides acentua o aspecto de uma paisagem torturada, obrigada a viver violentos contrastes, *entre os verões queimosos e os invernos torrenciais* (2002:20). Na visão de Euclides tratava-se de uma terra ignota que tanto encanta como ilude os forasteiros:

Passam-se um, dois seis meses venturosos, derivados da exuberância da terra, até que surdamente, imperceptivelmente, num ritmo maldito, se despeguem, a pouco e pouco, e caíam, as folhas e as flores, e a seca se desenhe outra vez nas ramagens mortas das árvores decíduas...(CUNHA, p. 41).

Com isto ele pretende configurar o sertanejo como um forte, alguém forjado nas adversidades, marcado por uma longa convivência com as tragédias naturais, apto a resistir às oscilações do clima, da falta de água, da paisagem agreste: *O martírio do homem, ali é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da vida. Nasce do martírio secular da terra.* (2002: 48). Fatores estes que levaram o sertanejo a buscar na religião a esperança de um milagre para aliviar seus sofrimentos.

Diante deste contexto criava-se uma situação propícia à atuação de líderes capazes de eletrizar multidões com suas promessas de paraíso e redenção. A figura carismática e impressionante de Antonio Maciel, o Conselheiro, cumpriu esse papel de líder, aglutinando em torno de si uma multidão de sertanejos miseráveis, sedentos de esperança e de melhores condições de vida.

Devido a diversas ameaças sofridas, Conselheiro resolve fundar um novo arraial para congregar seus seguidores. Assim surge Canudos: *velha fazenda de gado a beira do Vaza Barris, era em 1890, uma tapera acerca de cinqüenta capuabas de pau a pique, que*

*já abrigava alguns germes da desordem e do crime* (2002: 114). Lá se encontravam desde fugitivos da justiça a homens místicos à espera da chegada do Salvador para a redenção final.

Num primeiro momento Canudos se chamou Belo Monte, era considerado um refúgio sagrado contra as secas da região e as leis seculares da República. Conselheiro rebatizou o lugarejo de Monte Santo e em pouco tempo um fluxo constante de romeiros para lá se dirigiu.

O espantoso crescimento populacional da cidade acabou ameaçando fazendeiros, igreja e a política, fator este que desencadeou um pedido ao governo da Bahia para que efetuasse uma intervenção de tropas policiais, pois o movimento já afetava a economia da região. Pessoas até do Estado do Sergipe dispunham de seus bens para se juntar ao Conselheiro.

Um outro aspecto relevante é a visão diferente que tanto Euclides quanto os sertanejos tinham sobre a simbologia do Monte Santo. CHEVALIER & GHEERBRANT (2000) ressaltam: (...) *é assim o encontro do céu e da terra, morada dos deuses e objetivo da ascensão humana.*

Para o sertanejo o nome Monte Santo não era apenas espaço físico, mas o lugar que poderiam através de suas prédicas estar em ascensão com Deus. Essa crença pode ser comparada a origem do Cristianismo, mais especificamente na passagem em que Moisés subiu ao Monte Sinai para buscar as leis de seu povo, os dez mandamentos. Ou a passagem em que Jesus, juntamente com seus apóstolos, pregava suas profecias nos montes da Galiléia. Em Monte Santo também as práticas religiosas faziam parte do cotidiano do sertanejo, graças à pregação de Conselheiro.

Para Euclides o lugar denominado Monte Santo simbolizava somente o espaço geográfico, *era uma tapera dentro de uma fumaça*. A única simbologia que ele conseguia fazer com a origem bíblica era de termos pejorativos como: *a cova dos leões* onde estavam *gandaieiros de todos os matizes, recidivos de todos os delitos*. Ainda fazendo referência a simbologia bíblica, Abreu (1998) também faz uma abordagem. Para ela Euclides sofreu em Canudos a sua estrada de Damasco. Ela traz também que ele não conseguiu se tornar o apóstolo Paulo, continuou sendo Saulo, o perseguidor dos seguidores de Conselheiro.

Arrependidos ou não, importa frisar que os homens “fora da lei” agiam completamente diferente em Monte Santo. Eles se curvavam às pregações do Conselheiro e não eram uma ameaça para os canudenses, muito pelo contrário colaboravam para o bom desenvolvimento do lugar e que mais tarde vieram a se figurarem em belo lance de heroísmo.

Da mesma forma que Canudos se tornou um mito para os sertanejos, a “terra prometida de Canaã”, a república se tornou um mito para Euclides na busca da fonte autêntica da nacionalidade. Na perspectiva de Platão (*apud* CHEVALIER & GHEERBRANT, 2000) a definição do mito ocorre numa maneira de traduzir aquilo que pertence à opinião e não a certeza científica:

Sejam quais forem os sistemas de interpretação eles ajudam a perceber uma dimensão da realidade humana e trazem a tona a função simbolizadora da imaginação. Ele não pretende transmitir a verdade científica mas expressa a verdade de certas percepções. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2000: 612)

Canudos passa a ser o espaço da prática religiosa, o caminho da libertação, a perspectiva de um lugar celestial e ao mesmo tempo um sedativo para os sofrimentos, resultantes principalmente das condições extremas de miséria e exploração social.

Segundo Eliade (1998) para o “homo religiosus”, o essencial precede a existência. Isso é verdadeiro tanto para o homem das sociedades primitivas e orientais como para o judeu, o cristão e o muçulmano. Ele continua ressaltando que o homem é o que é hoje porque uma série de eventos teve lugar *ab origine*. Os mitos contam-lhe esses eventos e, ao fazê-lo explicam-lhe como e por que ele foi constituído dessa maneira. Para o *homo religiosus*, a existência real, autêntica, começa no momento em que recebe a comunicação dessa história primordial e aceita as suas conseqüências. É sempre uma história divina, pois os personagens são os Entes Sobrenaturais e os Ancestrais míticos.

As condutas e comportamentos dos homens religiosos de Canudos davam ainda face especial ao lugar. Lá eram proibido bebida, adultério, casamento civil, circulação do dinheiro e o acúmulo de bens materiais. Enfim, tudo isso lembrava certas comunidades cristãs primitivas, só que a comunidade de Canudos está em pleno século XIX e com as injunções postas pelo desenvolvimento do capital naquele momento.

Os fiéis de Conselheiro pouco estavam interessados no progresso da nação. O único regime firmado era o modelado através da religiosidade, do progresso espiritual e do espaço mítico onde poderia acontecer o encontro com o sobrenatural. O messianismo em Canudos levava a recusa e a alienação do mundo, criando uma comunidade que acreditava na transformação sobrenatural e na identificação do passado com a “idade de ouro”, que assume o caráter de idealização de um reino de paz, justiça e fraternidade expresso no conceito sertanejo de monarquia:

As insurreições milenaristas - messiânicas constituem-se como fenômenos que, apesar de eclodirem subitamente, vão-se gestando durante anos e, embora nem sempre tenha uma configuração idêntica, reproduzem, na sua repetição no tempo, certos temas, como a figura do taumaturgo, a reunião de gente, as profecias, com relação ao tempo futuro. (GALLO 1999, p. 25)

As prédicas de Conselheiro afirmavam os temas da fé, um ideário a favor da manutenção de um espaço religioso que abrigasse os excluídos de diversos matizes, onde seria possível viver a verdadeira fé, aquela que já não existia fora de Canudos, devido às reformas republicanas. Desejava-se enfim, aguardar o Juízo Final que proporcionaria aos irmãos a redenção definitiva.

Canudos fundia certos traços característicos dos lugares de espera messiânica com as naturais intercorrências do dramático quadro histórico-social que marcava o Nordeste brasileiro no final século XIX. (CITELLI, 2000: 23).

Ou seja, a religião, enquanto criação da cultura dos sertanejos, não é somente o elemento mais importante do inventário de uma civilização, mas também remete às necessidades mais profundas inscritas no psiquismo humano de ser “amado, acolhido, protegido” pela figura de um Salvador. Segundo Freud (*apud* ELIADE, 1998:72) isso ocorre no homem quando o “retorno à origem” prepara um novo nascimento, mas este não repete o primeiro, o nascimento físico. Na perspectiva de Eliade (1998: 76) *há especificamente uma renascença mística, de ordem espiritual - em outros termos, o acesso a um novo modo de existência, a abertura para o Espírito.*

Não obstante a liderança carismática de Antonio Conselheiro à instalação do movimento messiânico é inevitável. Fundamentado nos conhecimentos milenares da Bíblia, buscava relacionar o cotidiano dos sertanejos aos textos bíblicos. Ressaltava, ao povo, a relação entre a história de Moisés, dos hebreus e da terra prometida com as histórias pessoais daqueles indivíduos, possibilitando a conscientização da comum situação de opressão e a identificação de que eles também seriam dignos de alcançar o milagre que ocorrera com seus antepassados.

O ritual de travessia de Moisés com o povo hebreu não é apenas a saga em busca da terra; ele assume, também um caráter alegórico: a terra prometida é a própria liberdade. Em Canudos também faz-se a travessia não liderada por um herói previamente escolhido por Deus, mas implícita nos passos de Conselheiro.

Percebo que apesar do tempo histórico relacionado ser distinto o Conselheiro estava em perfeita sintonia com o seu tempo e sensível às necessidades que os sertanejos viviam na época. Assim, tanto Moisés como o Conselheiro, assemelham-se como heróis culminantes nas culturas as quais pertenciam. A vida sacrificada e busca indeterminada do lugar almejado, criam tanto para os sertanejos, como para os hebreus uma nova vida, um novo caminho de ser e de vir a ser e constitui-os em arquetípicos heróis religiosos da nossa cultura. Para Campbell:

O heróio evolui na medida que a cultura evolui. Moises é uma figura heróica, sobe a montanha encontra-se no topo dela com Jeová e volta com todas as leis da formação de toda uma sociedade. É o feito típico do herói partida, realização e retorno. (1993:144)

No entanto esta travessia não é realizada por um líder como Moisés, que enviado por um chamado sobrenatural conduz seu povo em regime de escravidão para a liberdade. Em Canudos, essa busca, se analisada do ponto de vista histórico, é fruto, também, de uma forma de escravidão imposta pelo governo. .

Essa esfera de interpretação baseada nesses relatos bíblicos é que vão dar suporte ao Mito que Canudos se tornou. As suposições verossímeis é que vão atribuir validade moral ou religiosa ao lugar, e ao mesmo tempo uma forma espiritual autônoma em relação ao intelecto. Na concepção de Abbagnano

O mito surge espiritualmente acima do mundo das coisas, mas, nas figuras e nas imagens com que ele substitui este mundo, vê, outra forma de materialidade e de ligação com as coisas. (ABBIGNANO, 2003: 674).

O Brasil representado por Euclides simbolizava o mundo dos capitais herdados, da aristocracia de berço cujo valor era adquirido por mérito pessoal, marcado pelas teorias de evolução social, e na condição de intelectuais, viam-se em grandes dilemas pela penetração de teorias racistas que consideravam a mistura imprópria para o progresso de uma nação, e que seria impossível fazer uma população híbrida e mestiça um conjunto de pessoas civilizadas e educadas. No entanto, para Conselheiro, sua missão era pregar o reino dos céus e devido ao seu misticismo valorizava as virtudes e a elevação espiritual que valiam mais do que qualquer aspecto físico ou material.

A compreensão do messianismo parece descer por declive cético oposto ao progressismo confiante dos primeiros republicanos, ainda românticos e liberais que para estes a ciência caminharia sempre a serviço da humanidade, mas o tempo correu de forma indiferente para o homem. O sertanejo travava uma luta selvagem pela sobrevivência, da qual emergiam as raças e os indivíduos mais fortes e que apenas reconheciam as estruturas da vida orgânica e das forças ambientais.

O real e o imaginário não se fundiam, a República via no movimento de Conselheiro a fonte do mal, da anarquia, ou seja, um verdadeiro empecilho para construção do progresso e de uma “raça superior”. Enquanto isso Conselheiro via nas leis do regime republicano uma ofensa às Leis de Deus, uma heresia, pois considerava que os poderes religiosos deveriam ter supremacia sobre os civis e orientava seus seguidores a não aceitarem as leis do governo: *Bem desgraçados são eles. Pra fazerem a eleição. Abatendo a lei de Deus, Suspendendo a lei do cão!* (Cunha, 2002:129).

Para os republicanos a “lei do cão” era o aforismo mais elevado da seita, e como representante desta o Conselheiro instaurador de missão perversa e subversiva aos valores sociais, morais e religiosos. A interferência da República no meio sertanejo acaba gerando o choque de ideais, tendo em vista que enquanto uns defendiam as forças do progresso e da civilização e os outros eram movidos pelas forças conservadoras e religiosas “fadadas ao atraso”. Na concepção de Abreu (1998, p. 132) tratava-se da representação de dois Brasis: *O Brasil dos engenheiros militares e republicanos e o Brasil da religiosidade*

*tradicional e dos monarquistas, representação bastante significativa para os perfis Cunha e de Conselheiro, assim como os seus ideais.*

Desse modo, depreendo que *Os Sertões* é uma narrativa híbrida, que abarca, além dos aspectos estruturais de significação da obra, um texto ficcional. Por acreditar nesse recurso é que considero a força do texto, mas sem negar a sua historicidade. O contexto sócio- histórico da obra permitiu-me perceber as perspectivas históricas e míticas inseridas na narrativa. É evidente que existe uma complexidade muito maior do que a que exponho aqui e é por isso que a leitura de *Os Sertões* revela a busca constante que o homem tem com sua cultura. Retrógrado ou não, ele busca sempre um referencial mítico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Os Sertões*, clássico nacional, simbiose de história e ficção não só trouxe em sua narrativa o choque do litoral e sertão, mas também a possibilidade de pegar uma carona na história e recriar uma outra história ficcional. E se é um pedaço de História, é um pouco da nossa colonização, cultura e formação. E se é um reencontro com a ficção, é um encontro dos nossos limites lógico com o ilimitado mundo do imaginário.

O assunto que trato nesse trabalho é tudo isso, história que penetra o terreno social, mergulha nos meandros da política e revela as mazelas dos (des) governos. Entretanto é, sem dúvida, uma viagem a ficção em direção ao imaginário brasileiro. Através da obra, se conhece um Brasil riscado no traço da escrita, que faz ressoar, através do sertanejo, os sentimentos da alma popular tornado-os universal.

Das múltiplas trilhas existentes nesse sertão narrativo a ser explorado espero ter conseguido nesse estudo revelar os elementos que servem de sustentação a estrutura desse trabalho: o histórico e o mítico. De modo que parto da literatura na tentativa de criar mecanismos para enveredar pelo mundo dos mitos e da história. Para Octavio Paz (1990: 126) *uma literatura nasce sempre frente a uma realidade histórica e, freqüentemente, contra essa realidade.*

Ainda nesse contexto tem lugar, o homem do qual Antonio Conselheiro sintetiza todos aqueles que buscam um espaço, um tempo que melhor realiza o desejo, a vontade e a própria vida. O espaço é a terra prometida e o tempo a construção histórica.

Por fim, acredito que o mítico e a maravilha da História abrem caminhos á reflexão da vida real, do meio sócio-político em que o ser humano é peça fundamental, o agente que constrói e modifica o próprio destino.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABBGNANO, NICOLA, 1901. *Dicionário de Filosofia*. 4ª edição Martins Fontes, 2003.

ABREU, Regina. *O Enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Junarte: Rocco, 1998. 412.

ALMEIDA, JOÃO Ferreira. *Bíblia Sagrada*. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblia do Brasil, 1993

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Novo Cultural, 1987 (os pensadores)

BERND, Zilá. Identidade. In: *Literatura e identidade nacional*. 2. ed. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1972

BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CAMPBELL. J. *O poder do mito*. Org. por Betty Sue Flowers; Trad. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Associação Palas Atena, 1990.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo. Martins. 1969

\_\_\_\_\_. Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, Nacional, 1965.

CHEVALIER J. & GHEERBRANT A. *Dicionário de Símbolos* (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 10 ed. Coord. Carlos Sussekind. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lucia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

CITELLI, Adilson. Roteiro de Leituras. *Os Sertões Euclides da Cunha*. 3º Edição. São Paulo, Ática 2000.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: editora Nova Cultura LTDA, 2002.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental*. Autores e obras Fundamentais. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno Retorno*. Trad. José Antonio Ceschin. São Paulo: Mercúrio, 1992.

\_\_\_\_\_. *Mito e realidade*. Trad. Póla Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário de Língua Portuguesa*. 4ª edição. Rio de Janeiro, 2001.

GALLO, I. C. D'A. *O Contestado: o sonho do milênio igualitário*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Os Sertões*: Edição Crítica editora Brasiliense. São Paulo. 1985.

KOTHE. Flávio R. *O herói*. 2 ed..São Paulo: Ed. Ática, 1987.

LIMA, José Leonildo; SILVA, Teresa de Pazos. *Roteiro para elaboração de trabalhos acadêmicos e monografia*. Cáceres: Editora: Unemat, 2005.

LUIZ, Roberto Lopes. *Cultura Brasileira (de 1808 ao pré-modernismo)*. 2. ed. Porto alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1995.

NOGUEIRA, Ataliba. *Antonio Conselheiro e Canudos*. 2. ed. São Paulo: companhia Editora Nacional, 1978. (Brasiliana; V. 355).

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PINTO, L. R. de S. *Matrinchã do Teles Pires*. Cuiabá: Entrelinhas, 1998.

SANTOS, Luzia Oliva dos. *O (re) encontro com o mito*. Cáceres: Editora Unemat, 2005.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. *A Estrutura do Romance*. Livraria Almeida. Coimbra, 1968.

TINHORÃO, José Ramos. *Os Romances em Folhetins no Brasil (1830 à atualidade)*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.